

ENTREVISTA 04 – MILTON GOMES PEREIRA (DIQUINHO)

DIA13/09/2007

Milton Gomes Pereira é mineiro da cidade de Caratinga, morador do Rio de Janeiro há quase quarenta anos, e atualmente tem 59 anos. Concedeu-me essa entrevista na sede da Federação de Favelas do Estado do Rio de Janeiro, FAFERJ. Diquinho chegou pontualmente e cumprimentou o diretor da entidade que estava de plantão naquela manhã. Subimos até uma sala do grande prédio, bastante deteriorado, que fica na Praça da República, no centro da cidade, local que nos foi oferecido para gravarmos a entrevista. Reafirmou sua disposição de narrar sobre as lutas que desenvolveu com outros companheiros, quando estava na direção da FAFERJ. Queixou-se da sua saúde e explicou que estava vindo de um exame médico para avaliar melhor a gravidade de seus problemas cardíacos. Reclamou, sem ser ouvido pelos atuais responsáveis pela entidade, da sujeira e desleixo do prédio. Avisou-me que gostaria de ter o retorno da entrevista, saber como seria utilizada, isso porque já concedera entrevistas, em outras oportunidades, e os que lhe tomaram as narrativas nunca voltaram para lhe contar o que fizeram com a sua fala. Citou, nominalmente, o caso da estudiosa e pesquisadora Alba Zaluar, que o procurou na favela Joaquim de Queirós e, como ele afirmou, nunca mais voltou.

Eis a entrevista:

Eladir: Qual é o seu nome?

Diquinho: Meu nome é Milton Gomes Pereira, mas eu sou conhecido por Diquinho. É um apelido que minha mãe me colocou desde que eu era criança e no movimento popular ele tornou-se quase que um nome mesmo.

Eladir: E você é do Rio de Janeiro?

Diquinho: Não. Eu sou mineiro, nasci em Caratinga e em 1967 quando tinha apenas dezenove anos vim para o Rio de Janeiro. Nos dois primeiros meses eu morei no Morro do Adeus que fica em Bonsucesso, depois nós já iniciamos as ocupações. Ocupamos um terreno que tinha na Estrada do Itararé, 480, fundos, lá estava vago para mais de duzentos barracos. Tinha um moço que vigiava o espaço, ele não era o dono do local, mas para a pessoa fazer um barraco tinha que pagar uma taxa. Minha mãe e a turma conversaram e arranjaram um local, com isso a gente fez um barraco e moramos nessa área até hoje. Já faz quarenta anos que estou aqui no Complexo do Alemão.

Eladir: Por que você e sua família vieram para o Rio de Janeiro?

Diquinho: A minha origem é camponesa, meu pai trabalhava na roça plantando milho, feijão, arroz e café. Entretanto ele fazia esse serviço nas terras dos outros, pois ele mesmo não tinha terra. Ele chegou a plantar uma lavoura de café que cresceu bastante, porém a

dona da terra mandou ele ir embora, aí ele tocou uma demanda na justiça, mas perdeu e não foi indenizado com nada. Em vista disto mudamos para a cidade de Caratinga, nessa época eu tinha sete anos.

Eladir: Então você nunca trabalhou no campo?

Diquinho: Arranquei um pouquinho de feijão, meu pai levava meu irmão mais novo e eu para ajudá-lo, mais a agente não tinha ainda muita força não. Aí não deu para a gente trabalhar, mas eu conheço quase tudo de roça, de plantação, até porque minhas irmãs casaram e moram na roça até hoje.

Eladir: E aqui você trabalhou em que?

Diquinho: Quando chegamos na cidade de Caratinga, eu fazia o primário ainda, e quando terminei não tinha dinheiro para pagar a escola, uma vez que meu pai era servente de pedreiro. Na roça ele era lavrador dos bons, mas na cidade não tinha profissão. Aí ele foi ser servente de pedreiro. Contudo conseguimos com o prefeito uma bolsa de estudos em um colégio para que eu pudesse fazer o ginásio. Porém, dois anos depois ele cortou a bolsa, alegou que não tinha mais dinheiro. Então lá em Minas, eu só fiz até o segundo ano do antigo ginásio. Nesse período eu já estava trabalhando em uma tinturaria. Buscava e levava roupas. Depois eu fui aprender tipografia, aprendi em dois anos e com treze anos eu comecei a trabalhar praticamente como tipógrafo, pois, o dono da segunda gráfica em que eu trabalhei sempre viajava, com isso ele deixava o estabelecimento sob o meu comando e de uma moça que era encadernadora. O dono da gráfica era português, ele tinha uma Kombi e fazia o transporte dos passageiros do aeroporto até a cidade, a viagem durava meia hora. Eu trabalhei nessa gráfica até os meus dezessete anos, e aos dezoito ele me trouxe aqui no Rio de Janeiro, pois eu tinha um irmão mais velho que já morava aqui há dez anos. Mas eu voltei para Caratinga e trabalhei mais uns seis meses. Depois, eu e minha família decidimos vir para o Rio de Janeiro. Nessa época, minha mãe já estava separada do meu pai, e fomos morar na favela, pois, é o que acontece com todo pobre que chega no Rio de Janeiro.

Eladir: E a militância, você chegou a fazer trabalho sindical?

Diquinho: Não. Logo na primeira gráfica que eu entrei, o pessoal me levou para Sindicato dos Gráficos do Rio de Janeiro, mas, eu não tinha experiência nenhuma nisso. Eles me levaram até lá, mas não tinha nenhum militante lá para me explicar o que era luta sindical, já que eu não tinha a mínima idéia do que isso significava. Eu já tinha um pouco de influência do meu irmão mais velho que sempre mandava alguns documentos lá para Minas, e eu já defendia o Socialismo sem saber com profundidade. Lembro que quando tinha dezesseis, dezessete anos eu já discutia com os meus colegas de time sobre essa questão, eu sempre defendia a União Soviética, outros defendiam os EUA, era uma briga imensa, e eu já tinha essa influência de defender uma sociedade socialista. Aqui no Rio de Janeiro eu entrei para a militância, tudo isso por influência do meu irmão mais velho. Alguns militantes da organização política MR-8 foram até o Complexo do Alemão, local onde eu morava, e nós criamos uma escolinha que era de artigo noventa e nove, que representava o antigo ginásio, essa escola foi criada para pessoas que não tiveram tempo de

estudar e já estavam com uma idade avançada. Essas pessoas estudavam lá e depois faziam uma prova para os colégios estaduais da Secretaria Estadual de Educação. Nós criamos essa escolinha com os quatro militantes do MR-8. Eles estudavam na UFRJ e cada dia um dava aula. Tinha aula de português, história, matemática, geografia e eles levaram esse curso durante um ano e pouco. Nesse curso a gente discutia formação política, foi nessa oportunidade que eu fui recrutado para a organização MR-8. Uma vez que eu já lia documentos e me interessava bastante sobre esse assunto. Isso tudo aconteceu em 1974. No ano seguinte fomos participar da Associação de Moradores e eu já queria encabeçar uma chapa, porém não tinha um ano de associado, e aí fizeram uma cassação. Com isso um senhor me substituiu, mas mesmo assim eu fiquei na coordenação da chapa, pois não tinha jeito eu liderava mesmo, eu fiquei por fora da chapa, mas, na realidade, eu estava praticamente dentro.

Eladir: Quais eram as lutas que vocês desenvolviam?

Diquinho: Nessa época a nossa grande luta era pelo saneamento, pois as valas ainda eram a céu aberto; pela energia elétrica que era explorada pela Comissão de Luz, que por sua vez, roubava luz da Light e vendia para os moradores por 20% além do preço da Light. Inclusive, dois anos depois, eu fiz uma chapa para concorrer na Comissão de Luz. Aí foi o segundo problema em eleição que eu tive, porque apesar de eu já ter legitimidade, pois eu transferi a conta de luz para o meu nome, uma vez que estava no nome da minha mãe, e já tinha um ano de associado, as pessoas que coordenavam a comissão eleitoral impugnaram a nossa chapa, elas fizeram isso por influência de quem já estava na Comissão de Luz. Eles impugnaram cinco membros, alegaram que a gente não morava no Morro do Alemão, entretanto a gente consumia a luz da Comissão de Luz de lá, a gente morava no morro do outro lado na Grota, mas a energia consumida era a mesma. Em vista disto eu tive que ir para a justiça. Foi nessa época que eu conheci o Bento Rubião, a doutora Lídia, eles entraram com um processo na justiça e conseguiram uma liminar que garantiu a minha candidatura.

Eladir: E você foi eleito?

Diquinho: Não. A gente perdeu por dez votos, ficamos em segundo lugar, foi uma eleição grande, pois estavam concorrendo três chapas. A gente dizia que o roubo da energia elétrica, a exploração dos moradores e a aplicação do dinheiro apurado teriam uma solução, pois apresentaríamos uma nova forma de aplicar isso e trabalhar junto ao povo. Isso tudo era verdade, pois o socialismo não visa o financeiro, enfim, o meu objetivo era trabalhar em benefício do povo. Não ganhamos a eleição, entretanto o movimento foi crescendo cada vez mais, sempre que concorriamos em uma eleição o número de pessoas que aderiam ao movimento aumentava subitamente. Elas se identificavam com a nossa proposta, já que o nosso objetivo não era simplesmente ganhar uma comissão de luz, ganhar em razão de dinheiro. Enfim, nós crescemos bastante com o apoio dos estudantes da UFRJ, pois tive a formação política e me tornei membro marxista/leninista, porque até então eu defendia o socialismo sem saber realmente o que era. Mas, eu acho que estava dentro de mim essa vontade de lutar por uma sociedade justa. Acho também que carregou isso devido ao fato que ocorreu com meu pai lá na lavoura, pois, houve uma grande injustiça com ele. A minha militância é o reflexo daquela condição de vida que eu e minha família levávamos. Acho

que as pessoas da minha família tinham uma tendência ao socialismo, porque primeiro foi meu irmão mais velho, depois eu e minha irmã, ela também foi militante na luta contra a ditadura.

Eladir: Sua irmã também foi militante do Movimento de Favelas?

Diquinho: Não, mas ela participou até de luta armada, alguns anos depois ela participou da diretoria da Associação dos Moradores do Escondidinho que fica no Rio Comprido. Ela morou lá. Nós também ajudamos a criar a Associação.

Eladir: Como você ficou sabendo da existência da FAFERJ?

Diquinho: Eu me destacava lá no Complexo do Alemão atuando na Associação de Moradores da Grotta. A diretoria que ganhou a primeira eleição não deu certo, porque o presidente da chapa ganhadora era muito incompetente, aí ele renunciou ao cargo, e o vice-presidente entrou em seu lugar. Com isso nos chamaram para compor uma diretoria, chamaram as chapas que ficaram em segundo e em terceiro lugar. Logo assim que entrei fui ser diretor de patrimônio, e me destaquei bastante lá dentro, aí conheci o Irineu Guimarães, e já conhecia o pessoal do MR-8 que estava assessorando a luta da retomada da FAFERJ, uma vez que houve uma decadência da Federação após o golpe militar, já que prenderam grande parte das pessoas que eram das lideranças, e algumas recuaram, pois a ditadura estava prendendo e torturando. A FAFERJ foi criada em 1963, e no ano seguinte foi perseguida pela ditadura. Um grupo da Federação foi dominado pelo Chagas Freitas do ano de 1964 a 1977, o Chagas pertencia ao grupo de direita da política do Rio de Janeiro. Nós criamos um grupo para retomar as lutas da FAFERJ, tínhamos o objetivo de conquistar o direito de moradia, e de urbanização das favelas, até porque a Fundação Leão XIII tinha a lei 3.313 que dizia que era proibido construir casa de alvenaria nas favelas. A gente começou a lutar contra essa lei, pois uma lei que proibia construir casas com tijolos é uma lei indigna. Não adiantava ter uma Federação cujos dirigentes era dominados pela política do governador, que por sinal não queria nem saber das áreas ocupadas pelos favelados. E naquele ano, 1977, já havia cerca de quinhentas favelas. Participamos dessa luta juntamente com a Pastoral de Favelas, as reuniões aconteciam na Igreja de Salette lá no Catumbi. Havia o grupo que lutava com autenticidade em favor dos favelados, e o grupo que era ligado ao chaguismo. Cada um tinha uma forma de liderar, e quando a gente se encontrava na favela o “coro comia”, no entanto a gente foi assumindo aos poucos a liderança desse movimento que culminou na realização do primeiro encontro estadual de favelas. Reunimos doze mil pessoas no Sindicato dos Metalúrgicos.

Eladir: Como aconteceu essa retomada? Vocês fizeram eleição?

Diquinho: Foi uma questão muito jurídica, pois até então quem respondia pela Federação era o Souza, o Milton que morava na Maré, e o secretário-geral Aluízio que também era da Maré. Nós conseguimos entrar na justiça através do apoio jurídico, e pedimos a convocação de uma assembléia. O juiz determinou que seria feito na Associação de Moradores do Catumbi. Nessa assembléia seria eleita uma comissão para preparar as eleições da Federação, porém, no dia da assembléia os antigos diretores não compareceram. Eles possuíam os livros e atas da Federação, com isso nós fizemos a assembléia sem os

documentos em nossas mãos. A partir do momento que tínhamos uma comissão eleitoral, um novo tipo de trabalho iniciou-se. Houve uma mobilização para organizar a primeira eleição, e o grupo que não compareceu à assembléia continuou do mesmo modo sendo FAFERJ. A eleição ocorreu três meses após a formação da comissão. Nós organizamos uma chapa com o Irineu para presidente, e o Arnaldo para secretário-geral. Então, nessa diretoria eu era diretor de patrimônio, aí foi quando o pessoal do Complexo do Alemão me indicou para fazer parte da nova diretoria da FAFERJ. A nova diretoria da FAFERJ passou a funcionar no Jacarezinho, uma vez que o Irineu era também presidente da Associação do Jacarezinho. Com isso ele ficou na presidência da Associação e da FAFERJ autêntica. Às vezes chegávamos nas comunidades se encontravam as duas FAFERJ. Era uma guerra, pois a deles não representava mais, era mandato antigo e só tinham três diretores, já a nossa tinha de dez a quinze diretores, cada um representava uma área de favela do município do Rio de Janeiro.

Eladir: Teve um encontro de favelas. Fale um pouco sobre ele.

Diquinho: Tivemos diversos encontros organizados pela FAFERJ. Entre 1979 e 1982 a gente funcionou dentro dessa linha, a partir de 1982 por questões políticas houve um certo racha na FAFERJ. Do ano de 1981 para o de 1982 houve uma questão política no estado do Rio de Janeiro, foi a primeira eleição para governador após a luta pela redemocratização do país. Nessa eleição quem se candidatou a prefeito (*o entrevistado queria dizer governador*) pelo PMDB foi o Miro Teixeira, ele era afiliado ao chaguismo, que era contra a nossa proposta de luta nas favelas. Eu não lembro como foi a articulação... mas o Irineu acabou se unindo ao Jonas Rodrigues, que era do outro grupo de FAFERJ. Eu fui contra essa unidade, pois achava que perdia a autenticidade da luta, o carro do Chagas Freitas não podia estar ao nosso lado. Lembro que nessa época eu saí do MR-8 e do PMDB.

Eladir: Por que o Irineu se uniu ao Jonas?

Diquinho: Foi uma orientação do MR-8 e do PMDB, porque todos os militantes do MR-8 eram filiados ao PMDB, inclusive eu, e eles achavam que com essa união as divergências que aconteciam dentro da Federação iam acabar, mas, eu acho que não era só isso, pois, junto a nossa luta autêntica estava a questão ideológica, a possibilidade de ter uma luta para a implantação do socialismo no Brasil. Na minha opinião o PMDB não tinha propósito socialista, e isso ia entrar as lutas autênticas da Federação. Eu discutia essa questão somente com o meu grupo lá no Complexo do Alemão, porque eu batia de frente com o restante, uma vez que eles aderiram a essa coligação. Fui contra essa união, pois, achava que íamos nos afastar do socialismo, e foi o que de fato aconteceu.

Eladir: Você foi para o partido revolucionário?

Diquinho: Eu tentei organizar juntamente com os companheiros que saíram comigo do MR-8 uma ordem revolucionária. Nós criamos o Conselho Socialista Operário Revolucionário, era uma nova forma de organização independente daquela sociedade. Eu tinha muita experiência, e com base nos documentos do MR-8 eu fiz os do Conselho Socialista Operário Revolucionário. Nós chegamos a ter trinta militantes, porém, tivemos um

problema com um dos companheiros, ele ameaçou nos entregar caso não fosse da direção da associação.

Eladir: A ditadura ainda existia?

Diquinho: Sim. Isso aconteceu de 1981 para 1982. Eu tinha experiência, mas não tanta a ponto de ter a capacidade de enfrentamento da ditadura. Eu não podia colocar ninguém no fogo, pois estava à frente dessas organizações. Com isso possuía uma responsabilidade imensa, tanto que não pegaram nenhum companheiro desse grupo. E aí por causa desse companheiro a gente teve que segurar um pouco, pois, ou sumíamos com ele, ou ficávamos um pouco devagar na organização. Optamos então pela segunda opção, por essa razão a organização não foi avante.

Eladir: Após esse racha, como ficou a sua militância na Federação?

Diquinho: Em 1982 eu consegui apoio na Pastoral, eu tinha uma grande influência na Federação, porque eu era da diretoria do Irineu, e eu ia a tudo quanto era assembléia. Eu sempre tive uma militância muito forte na Federação de Favelas. Foi fácil montar uma chapa para concorrer, tanto que em 1985 nós ganhamos a eleição, o Naildo ficou na presidência e eu fiquei como secretário-geral.

Eladir: Em que ano você concorreu pela primeira vez à presidência?

Diquinho: Em 1982, nesse ano eu já estava militando no PT, mais como eu tinha uma influência no movimento foi fácil de montar uma chapa, em 1985 nós ganhamos a eleição, e ficamos na diretoria até 1988. Na eleição da FAFERJ em 1988, o Irineu reorganizou uma chapa muito forte, ele teve o apoio de muita gente, e essa estava muito mais forte que a que ele formou na eleição de 1985, então eu concorri à presidência contra o Irineu, porém, não fui vitorioso. Nós tínhamos a proposta de colocar todos os favelados para votar na eleição, além disso, mudamos o estatuto da Federação, ampliamos a diretoria.

Eladir: Era uma eleição direta?

Diquinho: Sim, todos os favelados participavam. A votação ocorreu nas sedes das Associações. O Tribunal Eleitoral cedeu algumas urnas, foi um esquema bastante grande e, nessa época, já existiam seiscentas favelas. Nós perdemos a eleição porque não tínhamos muitos militantes. Com isso o Irineu voltou para a Federação e nós ficamos afastados. Posteriormente criamos um outro grupo, já que não queríamos nos dispersar, mas, não tínhamos o objetivo de fazer simplesmente oposição. Até porque a nossa linha de trabalho tinha uma finalidade diferente da proposta do Irineu. Nós criamos uma entidade juntamente com o Hélio Luz em 1991, chamava-se Centro de Apoio à Comunidade Operária, ela existe até hoje, às vezes eu convoco os militantes para fazermos algumas reuniões lá na minha casa na Estrada do Itararé.

Eladir: Você pretende voltar para a Federação?

Diquinho: Atualmente a Federação está descaracterizada nos sentido das lutas. Na nossa época a grande importância do movimento era a participação dos favelados na associação de moradores, porque isso fazia aumentar a participação e a conscientização política. As pessoas tinham que entender que além dessa sociedade capitalista que nós vivemos, havia a possibilidade de a gente criar uma nova sociedade socialista, uma sociedade mais justa, e esse era o discurso dos autênticos da FAFERJ. Esse discurso não existe na atual direção da FAFERJ, pois os companheiros não têm mais esse objetivo, essa ideologia, eles não prezam pela conscientização política. A nossa luta atualmente passou a ser de partidos autênticos de esquerda, PTB, PSOL, PSTU, PCdoB, sempre falamos que os partidos considerados revolucionários, exceto o MR-8, o PTB e o PCdoB, que não mais atuam em favelas

Eladir: Atualmente existe algum partido com uma base de movimento de favelados?

Diquinho: Não. Atualmente a novidade é o PSOL, alguns companheiros de favela estão nesse partido, inclusive eu. Nós temos o núcleo do PSOL lá no Complexo do Alemão, são quarenta filiados que participam das reuniões mensais. Há núcleos em outras favelas também como, por exemplo, lá em Acari, no Vidigal, na Maré. O PSOL tem apenas dois anos de existência, e eu cobro do pessoal a criação de bases do partido em favelas, nós lutamos pelo socialismo,

Eladir: Você afirmou que as primeiras lutas da Federação eram contra as remoções, exigiam saneamento, luz direta. E hoje por onde passam essas lutas?

Diquinho: Até 1988 lutamos pelo saneamento, pela luz direta da Light, lutamos contra remoções. A urbanização da maioria das favelas do Rio de Janeiro iniciou-se no governo Brizola, o sistema de saneamento foi realizado, só aproximadamente 20% das favelas ficaram sem esse benefício. Porém o governo atrapalhou o movimento comunitário das favelas, uma vez que o próprio partido do governador conquistou a liderança das favelas. E essa liderança não pregava o socialismo, eles somente seguiam o líder, que na ocasião era o Brizola. Ele tinha uma postura de ditador na condução das questões políticas. Dentro do PDT, tinha que ser o que ele queria. Com isso as lutas nas favelas perderam a característica de reivindicação, pois, o governador fazia as obras de saneamento sem a mobilização da comunidade, e ele ainda recrutava os líderes das comunidades para o PDT. Em 1986 o governo do Moreira Franco foi pior. Posteriormente em 1990 o Marcelo Alencar utilizou a mesma linha do governo. Brizola, então... Essa influência dos líderes políticos prejudicou bastante o movimento. Atualmente a Federação está sendo controlada por um grupo, que está descaracterizando mais ainda a luta inicial.

Eladir: Atualmente qual é a principal reivindicação do pessoal que reside em favela?

Diquinho: Atualmente nós acreditamos que o movimento pode voltar a ter o objetivo inicial. Acreditamos que isso se dará através da cultura, da educação, e da conscientização política dos moradores de favelas.

Eladir: Atualmente a Federação esta desenvolvendo essa questão?

Diquinho: Muito pouco. As Associações de moradores não sofrem influência da Federação, elas estão trabalhando de uma forma muito individualista, elas são controladas por um outro grupo, e essa situação é muito ruim para o movimento de favelas. Hoje outros grupos entram nas Associações e implantam projetos como, por exemplo, o Viva Rio, porém não são projetos culturais e de educação da área de formação profissional.

Eladir: Nós estamos agora na sede da Federação de Favelas, e eu estou percebendo que ela se transformou em um imenso curso de pré-vestibular, que é uma questão ligada à educação. Eles estão agindo da forma que você está propondo?

Diquinho: Eu acho que sim, mas eu quero saber se esses alunos são das favelas, na minha opinião esse curso tem de ser feito dentro das Associações das favelas como, por exemplo, na Rocinha, Maré, Catumbi, Jacarezinho, Parque proletário da Penha, eu tenho certeza que o número de alunos seria muito maior, uma vez que o aluno não teria que sair da sua comunidade para ir ao centro da cidade. Algumas igrejas católicas que ficam ao redor das favelas promovem esse tipo de curso. Há pouco tempo houve um problema com o curso de pré-vestibular noturno, que acontece nas escolas municipais das favelas, parece que o prefeito César Maia não aprovou esse projeto. Enfim, acho que esse curso não deveria ser só aqui na sede, pois atualmente o número de favelados do Rio de Janeiro é muito grande, são cerca de dois milhões.

Eladir: As reivindicações desses dois milhões de favelados são semelhantes às reivindicações do restante dos moradores da cidade que não residem em favelas?

Diquinho: Em alguns locais sim, por exemplo, os bairros populares da periferia. Assim como as favelas, esses bairros possuem muitas dificuldades. Os moradores de algumas favelas estão bem mais próximos do centro da cidade, o que não acontece com os moradores desses bairros como, por exemplo, quem mora na periferia de Caxias ou de Nova Iguaçu. Ambos possuem a necessidade de educação e cultura, pois, o ensino das escolas públicas é muito precário. Na minha época era muito diferente, eu aprendi bastante. Hoje em dia os jovens saem do segundo grau sem ter muito conhecimento. Eu conversei com eles e percebo essa situação, eu aprendi bastante, mas a militância política me ensinou bastante coisa, uma vez que ampliei meu campo de conhecimento. A militância me ajudou de tal forma, que eu até fui convidado para fazer palestras em faculdades, e eles me pagavam, lembro que fui para falar sobre o movimento comunitário, fiz duas palestras no IBAM e uma em uma faculdade em Cascadura.

Eladir: Fale um pouco da importância que a Federação teve e tem atualmente.

Diquinho: A Federação tem uma importância muito grande até hoje. Os companheiros responsáveis pela sua criação tinham uma consciência política voltada para o socialismo, apesar de termos conseguido algumas melhorias através das lutas, a necessidade que existia naquela época existe até hoje. A Federação tem a obrigação de mobilizar as comunidades e colocar em prática a questão da educação e da cultura, mas também não é só isso. Existe a luta dos trabalhadores contra o desemprego, há várias lutas que a Federação pode

encabeçar. Eu tenho esperança de que ela possa voltar a assumir a frente do movimento, e não se atrelar a governo nenhum, pois, a partir do momento em que há essa união, o que prevalece é a política do partido, e quando o partido não tem objetivos para a classe explorada, ocorre uma manutenção do status atual e não colocam em prática a transformação social. Nós criamos inúmeras Associações, eu ajudei a criar cerca de cem. Naquela época nós tínhamos uma mobilização muito forte por parte dos diretores da federação, dos apoios jurídicos, das pessoas que estavam comprometidas com essa transformação social. Nós fomos vitoriosos na luta contra as remoções que eram feitas pelo governo. Lutamos no Morro da Baiana, na favela Floresta da Barra, em inúmeras comunidades, porém não conseguimos em uma comunidade que fica em Charitas lá em Niterói. Fomos até essa favela com o apoio da doutora Eliana e dos deputados federais Modesto da Silveira e Raimundo de Oliveira, no entanto, não conseguimos evitar as remoções.

Atualmente lá na Barra da Tijuca tem cerca de quarenta favelas pequenas, e nós estamos enfrentando uma luta, pois as grandes imobiliárias possuem um interesse por aquela área. Participei a pouco tempo de uma assembléia lá no canal do Anil, inclusive, o prefeito César Maia quis fazer a remoção sem ordem judicial, porém a comunidade já tinha se mobilizado, e mesmo assim eles derrubaram quatro casas. A população já reside nesse local há quarenta anos, são cerca de quinhentos e quarenta residências, e isso não acontece somente nesta comunidade, outras estão ameaçada. Por exemplo, a comunidade que tem no Alto da Boa Vista. As autoridades argumentam que é em prol do meio ambiente, entretanto esse discurso é fajuto. É bem verdade que deve haver uma organização, os governantes tinham que criar um projeto de habitação popular, pois desta forma não haverá o crescimento das favelas, mais isso não acontece. Voltamos com as lutas contra as remoções, aqui no centro da cidade há uma ocupação nos prédios abandonados, e a prefeitura já iniciou as remoções, porém é feito de forma arbitrária, pois remove sem ter para onde levar, isso é muito injusto. Afinal nós vivemos em uma democracia. Enfim, acho que a Federação tem de retomar essa luta.